

A Aprendizagem Química para alunos que apresentam deficiência visual.

Sandra Lucia Pita de Oliveira Pereira^{1*} (FM), José Luis P. B. Silva² (PQ). sandrapita@uol.com.br.

1. EMC@MPO (Ensino Médio no Campo com Intermediação Tecnológica), Salvador-BA; 2. Instituto de Química da Ufba, 40.170-115 Salvador-BA.

Palavras-Chave: ensino de química, deficiente visual, material didático.

Introdução

O processo de inclusão escolar leva-nos a pensar em alternativas que necessitam ser adotadas para não segregar os alunos na Unidade Escolar. O ensino regular e a educação especial devem se unir para satisfazer as necessidades educacionais de todos, oferecendo as mesmas oportunidades, principalmente sobre o enfoque subjetivo, dos próprios deficientes.

Para Stainback (1999), uma das preocupações constantemente apresentadas por professores do ensino regular que recebem alunos com deficiência visual em suas classes refere-se ao modo de aprendizagem dos mesmos, especialmente aos recursos necessários para essa aprendizagem.

Essas preocupações existem e permanecem nos professores do Ensino Médio, porque partimos da concepção de aprendizagem centrada no aporte visual. Aos educadores que trabalham em salas com estudantes Deficientes Visuais (DV) compete buscar formas alternativas à visão para apresentar objetos e eventos, que se assumem ser conhecidos normalmente através da visão.

Resultados e Discussão

No plano de estudo de Química não se deve ensinar apenas à perspectiva teórica. Então, como ensinar conteúdos químicos a deficientes visuais permitindo a esse educando comprovar a aprendizagem a partir da experimentação do fenômeno?

A partir desta preocupação, foram criadas práticas do conteúdo: Separação de misturas, experimentadas em laboratório de Química de uma turma de 1º ano de uma escola pública do Ensino Médio da cidade de Salvador. Ainda que se trate de pequenas práticas de laboratório, serão mais eficientes, se realizarmos utilizando todos os sentidos possíveis.

Segundo Marty (1999), o laboratório de Ciências é um método didático imprescindível em todas as escolas. Este ambiente escolar deverá ser pensado para atender estudantes com visão normal, devendo também estar preparado para receber estudantes com deficiência visual. Os alunos devem ser encorajados a usar as informações que recebem através dos outros sentidos, para compensar a falta de visão. O olfato pode distinguir diferentes

substâncias; o material de laboratório pode ser mostrado através do tato; a audição permite obter informações várias, como a libertação de um gás. Os outros sentidos, estando bastante mais treinados, permitem realizar um número enorme de investigações.

Conclusões

Muitos problemas nos surpreendem na sala de aula e, sem dispor de recursos para solucioná-los, restam-nos a sensibilidade, a criatividade e a ousadia de tentar sempre novos caminhos, novas construções. O projeto “A aprendizagem Química para alunos que apresentam deficiência visual” foi desenvolvido a partir da necessidade de propiciar um ensino prático de qualidade ao estudante portador de deficiência visual e do estímulo diante dos resultados alcançados, mostrados em Feiras de Ciências, Projeto Popularização da Ciência e Semana de Ciência e Tecnologia do Governo do Estado da Bahia, além de avaliações tanto da aprendizagem quanto da integração de todos os alunos da turma. A atuação dos estudantes-alvo do projeto, no final do período escolar, como monitor de colegas videntes, auxiliando-os na compreensão de conceitos básicos do conteúdo, foi apenas o primeiro resultado.

Então se conclui que a inclusão de alunos deficientes visuais em classes regulares, no que diz respeito ao conteúdo de Química, separação de misturas, é possível, desde que haja apoio para a produção de aulas e materiais adequados a essas pessoas.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer aos alunos do 1º ano do Colégio Estadual Carneiro Ribeiro Filho, Salvador-Bahia, ao professor José Luis Silva e às professoras Graça Regina e Mariana Fraga.

MARTÍ, Miquel-Albert Soler. **Didáctica Multisensorial De Las Ciencias. Un Nuevo Método Para Alumnos Ciegos, Deficientes Visuales Y También Sin Problemas De Visión**. Paidós: Barcelona, 1999.

STAINBACK, Susan & STAINBACK, Willian. **Inclusão. Um guia para educadores**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.